



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA ESCOLA
DE BELAS ARTES – EBA DEPARTAMENTO DE
ARTES TEATRAIS – BAT Graduação em Artes
Cênicas - Indumentária Campus Cidade
Universitária – Ilha do Fundão

TÍTULO

Contos Impressos
Nascimento de Canforeira

Maria Pilar Fontes

DRE: 115038912

Orientador: Antonio Guedes

MEMORIAL DESCRITIVO

DATA DA DEFESA: 29 DE OUTUBRO DE 2021

RIO DE JANEIRO, RJ

Maria Pilar Fontes

DRE: 115038912

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Centro de Letras e Artes - CLA

Escola de Belas Artes - EBA

Departamento de Artes Teatrais – BAT

Curso de Artes Cênicas- Indumentária

Contos Impressos

O Nascimento de Canforeira

Orientador: Antonio Guedes

Rio de Janeiro, RJ

RESUMO DO PROJETO

A partir da criação de rolos de estamperia de cerâmica baseado em sonhos pessoas, desenvolvo aqui Canforeira. Crio uma narrativa de símbolos, contos, cores e texturas para chegar ao figurino final. Uma personagem que faz parte de mim, trazendo o inconsciente para a matéria palpável.

Palavras-chave: Colagem, Cerâmica, Sonhos

O projeto *Contos Impressos* se iniciou no fim de 2017, nas aulas de Cerâmica 1 e 2, com a professora Kátia Gomes. Um exercício sobre rolos de impressão foi feito no ateliê: sua ideia era criar figuras no rolo de barro, gerando o negativo. Ao imprimi-lo na placa de barro, criava-se o positivo. Essa placa pode ser usada como um carimbo.

Minha primeira ideia foi usar símbolos de um sonho para contar a sua história.

Usei figuras simbolizando personagens importantes da narrativa: a sereia, o rio, a estrela e a lua.



1º rolo feito em 2017. Elementos: cobra, sereia, estrela, Lua e Rio. A história toda em apenas um rolo.

Quando imprimi o rolo, uma colega percebeu sua semelhança com as pinturas rupestres, que tinham como principal função registrar histórias. Então entendi o que gostaria de fazer no trabalho final: contar minhas histórias-sonhos. Selecionei dois para transformá-los em contos e desenvolver as peças cerâmicas.

Os sonhos são feitos de símbolos, trazem questões do inconsciente para o consciente e interpretando-os, podemos entender questões profundas sobre nós mesmos. Com a transformação dos sonhos em contos, pude acessá-los com maior intensidade.

Percebi a semelhança com as fábulas: muitos seres antropomórficos da floresta presentes no inconsciente coletivo místico. De haver um final para entender alguma questão ética/moral. No caso, foram questões minhas que precisava entender. Perguntas que me fazia quando estava acordada, cujas respostas me apareceram quando estava dormindo. As fábulas, em sua origem, eram contadas oralmente. Daí a transcrição dos sonhos em contos. Para estética a ser seguida, relatei as pinturas rupestres, que identifiquei semelhança no primeiro exercício desenvolvido. Essas semelhanças: registro de imagens simples para contar uma narrativa e uso do mesmo material, o barro, a terra.

Na segunda etapa, transformar minhas histórias-sonhos em diferentes rolos, adentrei níveis da consciência a respeito dos significados dos sonhos para mim. Enquanto produzia as peças, revivia, em diferentes formas, as histórias, passeava por elas entendendo detalhes que não havia capturado anteriormente. Adentrei em um estado meditativo guiado pelas minhas mãos no barro.

Kátia, professora do ateliê de Cerâmica, me incentivou a fazer novos formatos e tamanhos que poderiam ser explorados nos feitos dos rolos. Pensei então em fazer grandes e pequenos, chatos e gordos. Os materiais usados para cavar cada rolo foram se especificando ao longo dos processos. Apenas na prática descobri quais seriam necessários.



PEÇAS

Peixes: iniciei cavando o formato geral do corpo do peixe com o bastidor regular. Para os detalhes, utilizei a ponta de um arame quebrado. E fui limpando com uma agulha de costura, que chega aos espaços pequenos tranquilamente. O formato de “bolacha” foi escolhido por me dar a possibilidade de repetição das figuras e linhas retas e estreitas, como um cardume pequeno (ou grande) de peixes, um atrás do outro. Havia também o desafio de criar um espaço pequeno que me obrigaria a criar detalhes igualmente pequenos.



CONTOS

Rio de cobras e Sereia abençoado pela Lua Cheia

Estava observando a Lua Cheia em um imenso Rio. Conversava e dançava com Ela. Até que sereias apareceram nadando e me chamando para adentrar mais na água. Sentia medo, pedia licença a elas por estar nadando em seu lugar e resisti a segui-las. De repente, no fundo do Rio aparece uma cobra-dragão enorme – como da mitologia do leste asiático. Ela não me chamou e não se aproximou. Sinto que ela está ali para me auxiliar de alguma forma. Fico mais segura, agradeço à cobra por estar lá e nado por mais alguns instantes antes de sair do rio.



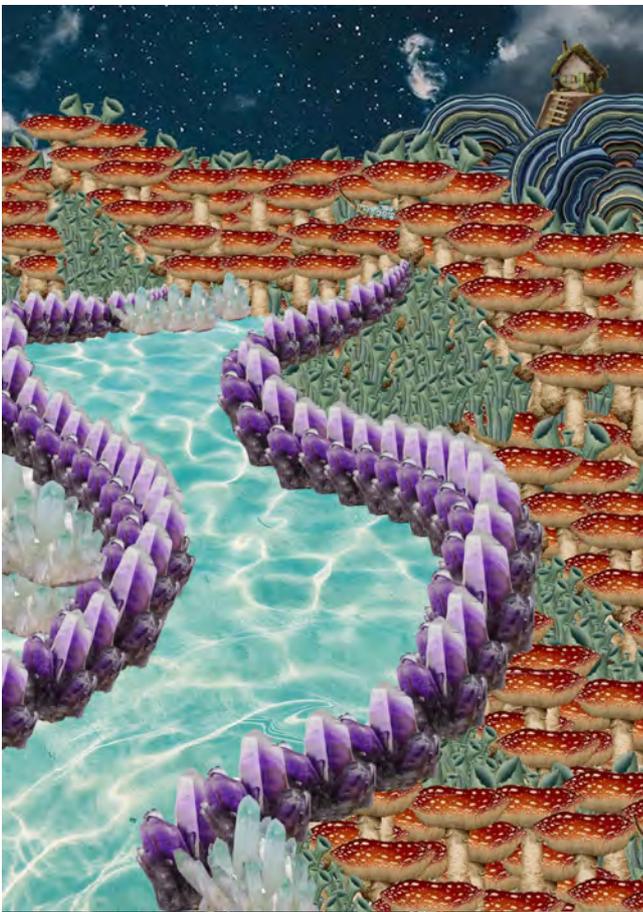
A Baleia e o Velho

Estamos eu e mais duas amigas. Não sei quem são, sei apenas que são amigas. Estamos flutuando em uma sala flutuante no meio do mar. A sala está bagunçada, cheia de caixotes de vidro com peixinhos, estrelas-do-mar e um polvo bebê. Percebemos que eles estão presos, somos tomados por uma sensação de perigo. Minha amiga pega alguns destes seres do mar, fazemos o mesmo. Saímos nadando para fora do aquário. Uma rede tenta nos pescar. Um senhor pescador nos avisa que temos que acordar a baleia e só assim conseguiremos sair de lá. Alguém a cutuca e ela acorda. Percebo que estávamos em cima da baleia adormecida, com nosso canto ela nos leva para longe.



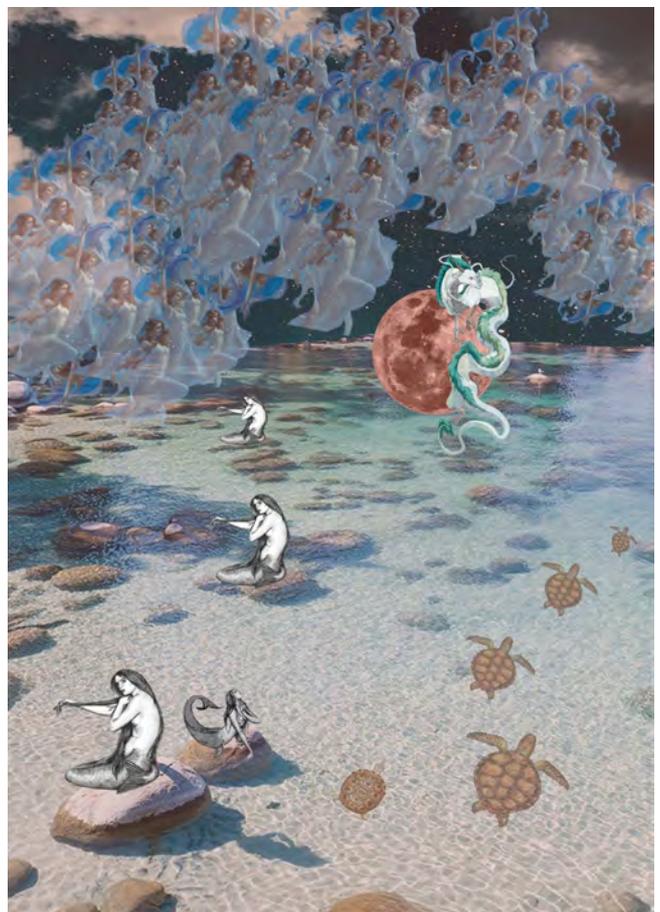
LIGAÇÃO CERÂMICA X FIGURINO

No fim do projeto de cerâmica, os fornos da UFRJ ficaram em manutenção durante um ano, o que me fez ficar afastada da prática que tanto me nutriu. Não procurei finalizar as peças fora da faculdade e deixei guardado por um tempo. Na aula de Direção Teatral, do professor Antonio Guedes, como o trabalho final, eu apresentaria o processo criativo em um projeto finalizado. Novamente entrei em contato com o “Contos Impressos”. A partir daí, veio a ideia de transformá-lo em uma



personagem para desenvolver um figurino para o TCC. Na quarentena de 2020 pude adentrar os mundos que gostaria de criar.

Minha primeira vontade foi entender e desenvolver os lugares por onde essa personagem passava. Onde aconteciam essas histórias? Como chegar a universos tão fantásticos que estavam na minha cabeça? Iniciei o processo



de colagem digital, onde teria possibilidade de usar qualquer elemento ou cor visando ao resultado final. Os três primeiros cenários estavam muito vivos na minha cabeça, precisava apenas materializá-los: “Villa”, “Floresta das Mariposas” e “Rio de Cobra e Sereias abençoado pela Lua Cheia”, lugar inspirado no primeiro sonho contado nas peças de cerâmica.

Nesse momento, o processo passou a seguir a partir de sonhos: sonhava com ideias e as materializava no dia seguinte. Iniciando um ciclo de criação intenso para realizar as colagens digitais.

A figura feminina era presente, assim como cristais, luas, lagos, mares, plantas, cogumelos, baleias e coelhos. Hoje vejo que quero repeti-los no meu figurino de alguma forma. Usarei as colagens para me basear nas cores e elementos usados na criação do projeto final.

Enquanto estava nesse processo das colagens, assisti a um desenho animado que me inspirou para desenvolver ideias: “Meu Amigo Totoro”, dos Studio Ghibli. Esse Studio cria desenhos animados onde o mundo dos sonhos e o mundo real se misturam. Em “Meu Amigo Totoro”, Totoro vive dentro de uma árvore muito comum no Japão, a Canforeira. Assim que li o nome da árvore no filme, vi que era esse o nome da minha personagem.

Procurei o significado de seu uso na medicina como óleo essencial: “Na cultura indiana, acredita-se que a queima de **cânfora** proporciona uma visão mais esclarecedora sobre a realidade” (1). Se encaixou perfeitamente com o que eu busco com esse projeto, ter uma visão mais esclarecedora da minha realidade através das minhas realidades internas fantásticas e surreais.

Com os mundos materializados e seu nome concretizado, comecei a escrever sua história e criar um perfil da Canforeira. Também iniciei uma pesquisa de referências têxteis do que eu gostaria de fazer para sua vestimenta. O bordado sempre esteve presente na minha vida e também se encaixou nesta criação. Sempre contamos uma história com os pontos de bordado, como se cada um deles fosse uma letra de uma palavra. Construindo, frases, parágrafos, uma narrativa. Então seria a técnica perfeita para contar essa história em tecido.

Enquanto desenvolvia as colagens digitais, também bordava para criar de forma livre algo que fizesse parte desses mundos imaginados por mim. Cheguei a um resultado sem pensar, apenas deixava minha mão contar aquela história, como fazia com as colagens e as peças de cerâmica. São linguagens que conversam entre si, formas diferentes de contar as mesmas histórias da Canforeira, os meus sonhos.

Outra vontade grande seria de adicionar nas peças de roupa as colagens digitais e os carimbos de cerâmica que iniciaram todo o trabalho.

1) Cânfora: benefícios, como usar e contraindicações, 22 de Maio de 2018. Disponível em: www.ecycle.com.br/6507-canfora.

PERFIL CANFOREIRA

- Cheiro de Jasmim à noite e Cânfora de manhã.
- Idade do Universo e pés de 13 anos. Como se em 1 ano vivesse mil.
- Cabelos pretos e usando máscara, sem rosto.
- Comidas que gosta: bedroega (ora-pro-nobis), fruta do conde, milhos coloridos, frutinhas vermelhas, leite de amêndoas, cordeiro.
- Pedras: ônix preta, jaspí paisagem e ametista.
- Texturas: gase de algodão, linho, bordados...
- Cores: a partir das colagens digitais dos mundos de Canforeira.

HISTÓRIA CANFOREIRA

Canforeira conheceu os Rios Amazônicos no início dos tempos: chegou lá para iniciar suas descobertas sobre os Mundos conhecidos e desconhecidos. Ao sair de sua Toca, uma Senhora lhe disse para nadar rio acima, e, quando avistasse uma porta de madeira talhada como vela, entrasse e nadasse um pouco mais. Ela foi e depois de atravessar a porta e nadar um pouco mais, chegou à praia doce de areias brancas no primeiro dia de Lua Cheia. Se recostou em uma árvore e montou seu acampamento, rede amarrada em dois troncos próximo às águas.

No quarto dia da Lua Cheia, foi nadar para esperar que ela surgisse. Brincou com as folhas criando máscaras e novos penteados. Com suas mãos enrugadas, a Lua apareceu mais brilhante do que nunca. Enorme, com apenas sua luz dourada abençoando o Rio. Canforeira ficou extasiada dançando com ela. O embalo do Rio foi levando-a em seu ritmo. Ao fundo, quase encostando na Lua, a cobra-dragão começou a nadar. Era enorme e seu nado mal fazia o Rio mexer, não se formavam ondas como era esperado por Canforeira.

Ficou impressionada. Com medo, mas maravilhada. Tentou olhar no fundo dos olhos da cobra-dragão porém ele não permitia ou lhe entregava o olhar. Ela se sentia feliz com o animal, ficou calma com sua presença. Então se entregou para o deleite do rio. Se sustentava em sua água leitosa, boiando como se não houvesse gravidade, sentia o Espírito da cobra-dragão sustentando-a. Nesse dia descobriu sobre os Seres que são a verdadeira vida do Rio.

Um tempo depois seis mulheres-peixes surgiram, a chamando para vir no fundo do rio. Canforeira estremeceu, ficou com medo e negou o pedido. Persistiu flutuando e esperando que

a cobra-dragão continuasse lhe amparando e não deixasse que as sereias lhe fizessem algo. Passou mais tempo, e todos já conviviam como se vivessem aqueles momentos há eternos anos.

Canforeira seguiu seu caminho por outras águas. Depois de anos percorridos, foi conhecer a profundidade dos mares salgados. Lá encontrou muitos amigos, conselheiros, feiticeiras e sacerdotisas que lhe ensinaram sobre pequenos detalhes que fazem o Mar ser o Mar. Em um desses milhares de dias, se encontrou em uma sala flutuante flutuando no meio do mar. A sala estava bagunçada, cheia de caixotes de vidro com peixinhos, estrelas-do-mar e um polvo bebê. Percebeu que estavam todos presos e não conseguia entender quem os prendeu, porque estavam ali. Sentiu medo e o alerta de perigo a fez pegá-los e nadar para fora do aquário. Uma rede tenta pescar a todos. Até que um senhor pescador a orienta acordar a baleia. Canforeira procura a baleia e não a encontra. Com desespero, lembrou de um ensinamento que há muito havia aprendido com sereias das águas doces: quando há perigo, can-te. O seu canto irá envolver o que quer que seja para lhe trazer soluções. Assim o fez e assim a baleia acordou. Quando viu, Canforeira estava em cima da baleia adormecida. Com o canto, ela a leva para longe dali.

CONSTRUÇÃO DE FIGURINO:

Para o figurino, queria criar uma roupa onde ela poderia passar por todas as aventuras milenares, em tantos espaços/tempos diferentes. A primeira peça pensada foi o corselet de linho: uma arma-dura feminina perfeita para encaixar nas aventuras de Canforeira. Como é um espaço menor e de destaque da roupa, escolhi fazer os bordados na peça. O bordado foi a primeira técnica têxtil que aprendi. Sempre foi feita pelas mulheres da minha família. Minha bisavó deixou espalhado pelos seus descendentes bolsas feitas a mão por ela. Cresci com esses bordados contando histórias de uma bisa que nunca conheci. Ela puxava para as próprias histórias da família que giravam em torno de mulheres costureiras e bordadeiras. O que acho bem simbólico com o trabalho que proponho aqui, o de contar história através de diversas ferramentas. Os sonhos transformados em contos, que chega nas cerâmicas, vai para a construção do figurino, traduzidos nesses bordados também. Conto aqui uma grande história de uma parte de mim e não poderia faltar essa técnica: onde a cada ponto, uma palavra é contada.

Continuei o raciocínio utilitário para fazer a parte superior do figurino. Por isso, criei a blusa corsário por baixo do corselet. Essa blusa teria a função de proteção da pele da personagem. Fiz ela com diferentes opções de amarração para ela ter multi-funções em tantas necessidades diferentes que ela passa. A gola foi pensada também em uma questão funcional, de proteger a garganta. Sempre tive questões respiratórias sérias e a garganta é um lugar sensível para mim. Para trazer textura, usei uma forma que criei de lastéx, desfiando o tecido e criando camadas.

A saia tem a ideia de fechar o ciclo do projeto. Para ela, priorizei a estamparia dos rolos de cerâmica, por ser um tecido maior onde poderia criar bastante. A saia comprida sempre foi um símbolo de mulheres bruxas, que queria trazer para ela. Me veio também a ideia da saia ser sua casa, onde pode guardar diversas coisas debaixo dela. Por onde Canforeira passa, leva sua casa em seu corpo.

Bibliografia:

MEU AMIGO TOTORO. Direção: Hayao Miyazaki. Produção: Toru Hara. Japão: Studio Ghibli, 1988. VIAGEM DE CHIHIRO. Direção: Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 2001.

GONSALVEZ, Rob. Water Dancers. Canada.

GONSALVEZ, Rob. Over The Moon. Canada.

MACLOAD, Kristie. The Red Dress Project. Reino Unido, 2009-2021.

TOLKIEN, J. R. R. O Senhor dos Anéis. Rio de Janeiro: Casa dos Livros Editora LTDA, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. O Hobbit. Rio de Janeiro: Casa dos Livros Editora LTDA, 2019.

ZIMMER BRADLEY, Marion. Brumas de Avalon. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2018.



contos impressos



1º rolo feito em 2017. elementos: cobra, sereia, estrela, Lua e Rio.
A história toda em apenas um rolo.

Rio de cobras e Sereia abençoado pela Lua Cheia

Estava observando a Lua Cheia em um imenso Rio. Conversava e dançava com Ela. Até que sereias apareceram nadando e me chamando para adentrar mais às águas. Sentia medo, pedia licença a elas por estar nadando em seu lugar e resisti em segui-las.

De repente, no fundo do Rio aparece uma cobra-dragão enorme – como da mitologia do leste asiático. Não me chama, a cobra dragão não se aproxima. Sinto que ela está ali para me auxiliar de alguma forma, fico mais segura.

Eu agradeço por estar lá, nado por mais alguns instantes e saio.



Teste das placas de cerâmica.
Do conto "Rio de Cobras e Sereias abençoado pela Lua Cheia"



A Baleia e o Velho

Estamos eu e mais duas amigas. Não sei quem são, sei apenas que são amigas. Estamos flutuando em uma sala flutuante no meio do mar. A sala está bagunçada, cheia de caixotes de vidro com peixinhos, estrelas-do-mar e um polvo bebê.

Percebemos que eles estão presos, somos tomados por uma sensação de perigo. Minha amiga pega alguns seres do mar, fazemos o mesmo. Saímos nadando para fora do aquário. Uma rede tenta nos pescar. Um senhor pescador nos avisa que temos que acordar a baleia e só assim conseguiremos sair de lá.

Alguém a cutuca e ela acorda. Percebo que estávamos em cima da baleia adormecida, com nosso canto ela nos leva para longe.



Teste das placas de cerâmica. Do conto "A Baleia e o Velho"



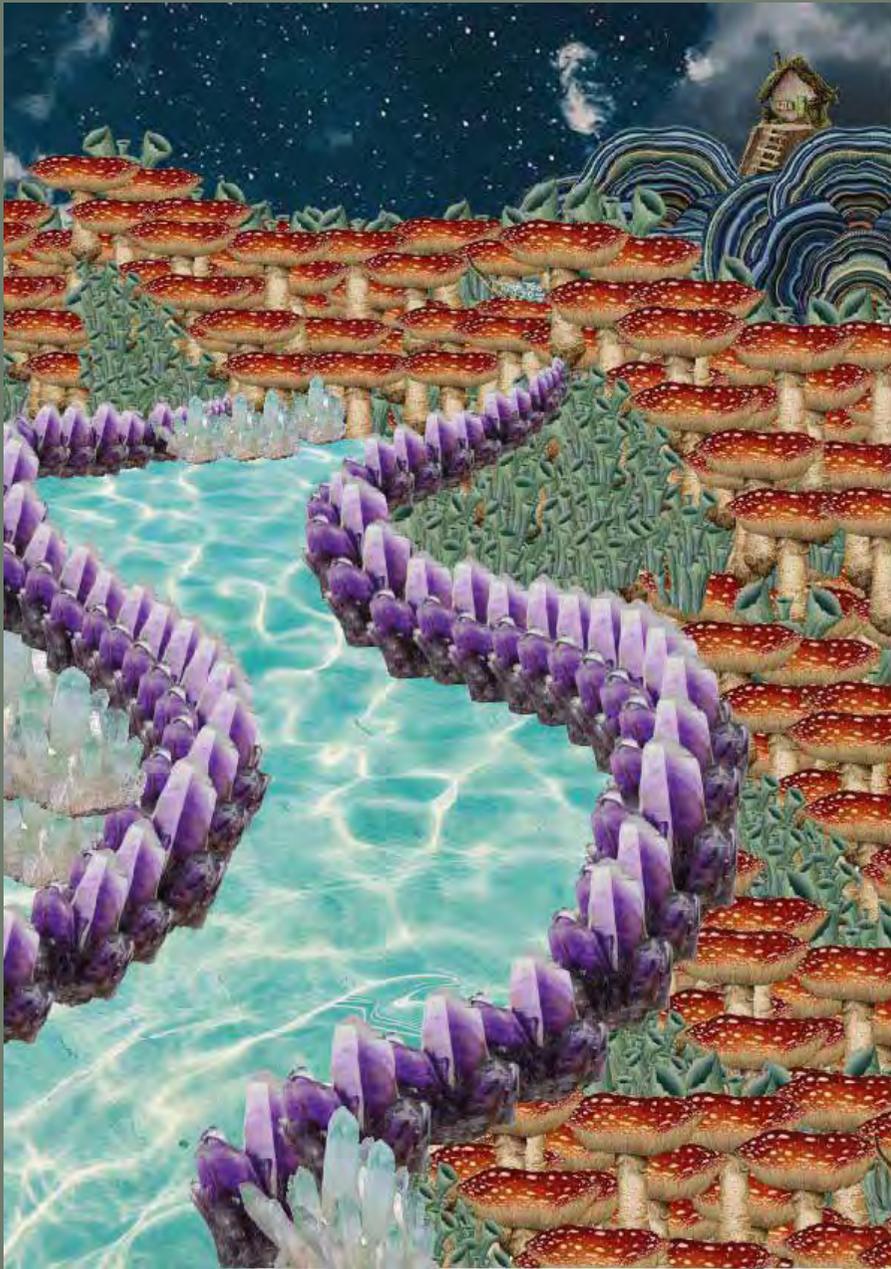
Teste das placas de cerâmica. Do conto "A Baleia e o Velho"

nascimento
canforeira



Studio Ghibli





A Vila



Floresta das Mariposas



O Rio de Cobra e Sereias abençoado pela Lua Cheia



Baía de Cristais



Rosas Azuis



Mergulho Molhado



Na Minha Árvore Tinha Uma Cabeça



Banho de Lua



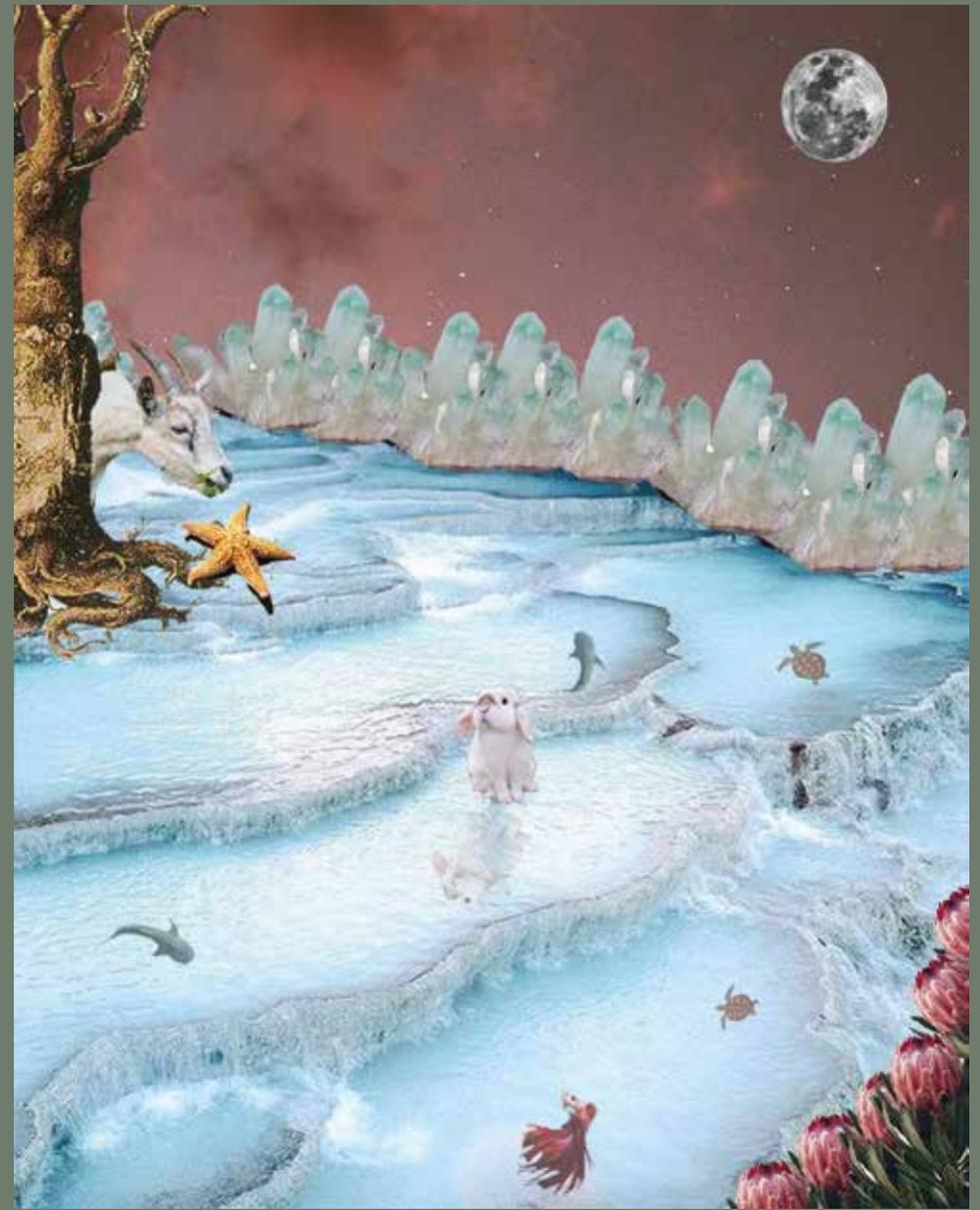
Verde da Floresta



Banho de Lua II



A Saga dos Coelhos



Lago dos Coelhos

- Cheiro de Jasmim à noite e Cânfora de manhã.
- Idade do Universo e pés de 13 anos. Em 1 ano vive mil.
- Cabelos pretos e usando máscara, sem rosto.
- Comidas que gosta: bedroega (ora-pro-nobis), fruta do conde, milhos coloridos, frutinhas vermelhas, leite de amêndoas, cordeiro.
- Pedras: ônix preta, jaspers paisagem e ametista.
- Texturas: gase de algodão, linho, bordados...
- Cores: a partir das colagens digitais dos mundos de Canforeira e das linhas de bordado.

Kristie Macload

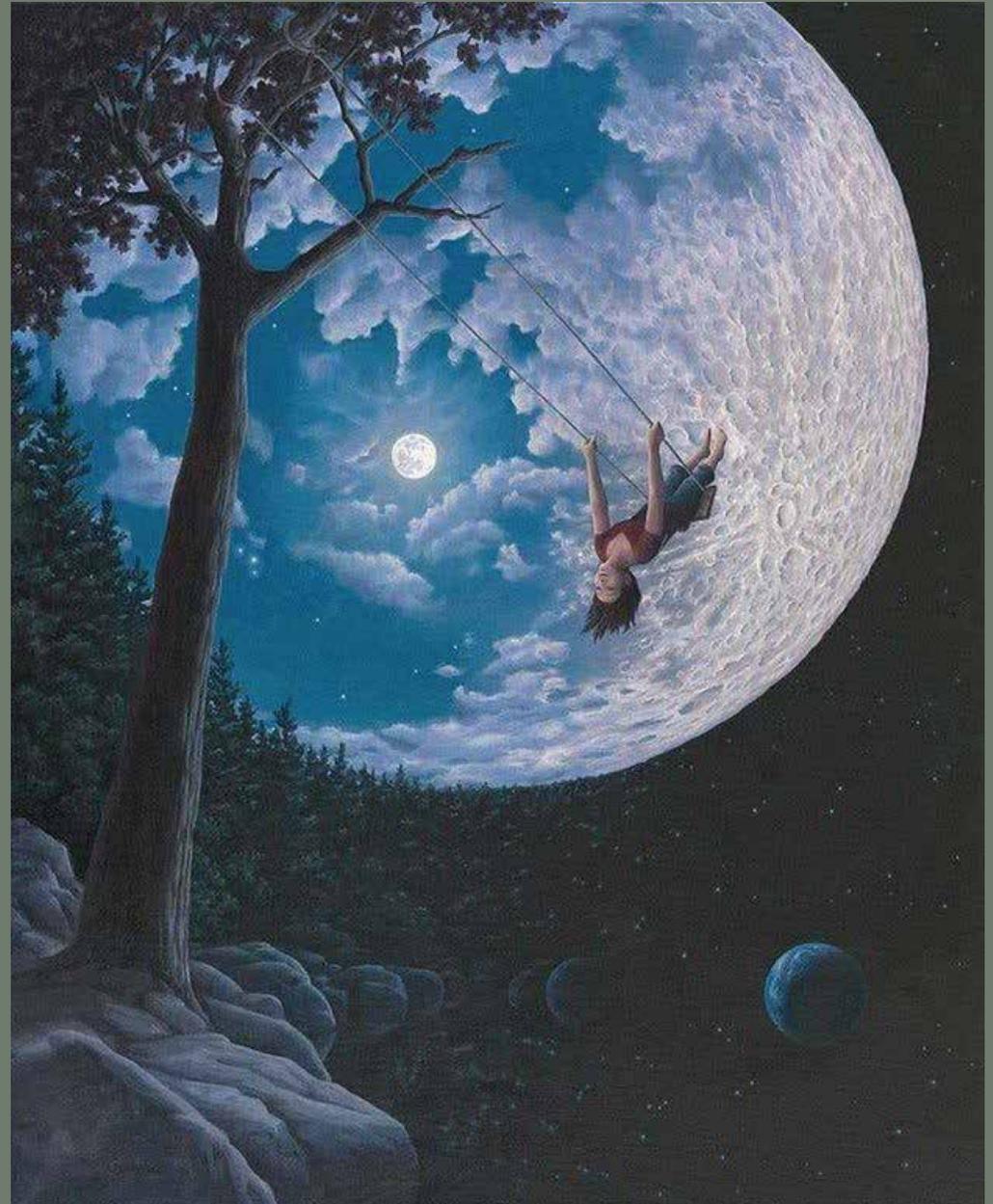


"The Red Dress Project"

Rob Gonsalvez



“Water Dancers”



“Over The Moon”



Bordado

Cartela de Cor





Croqui

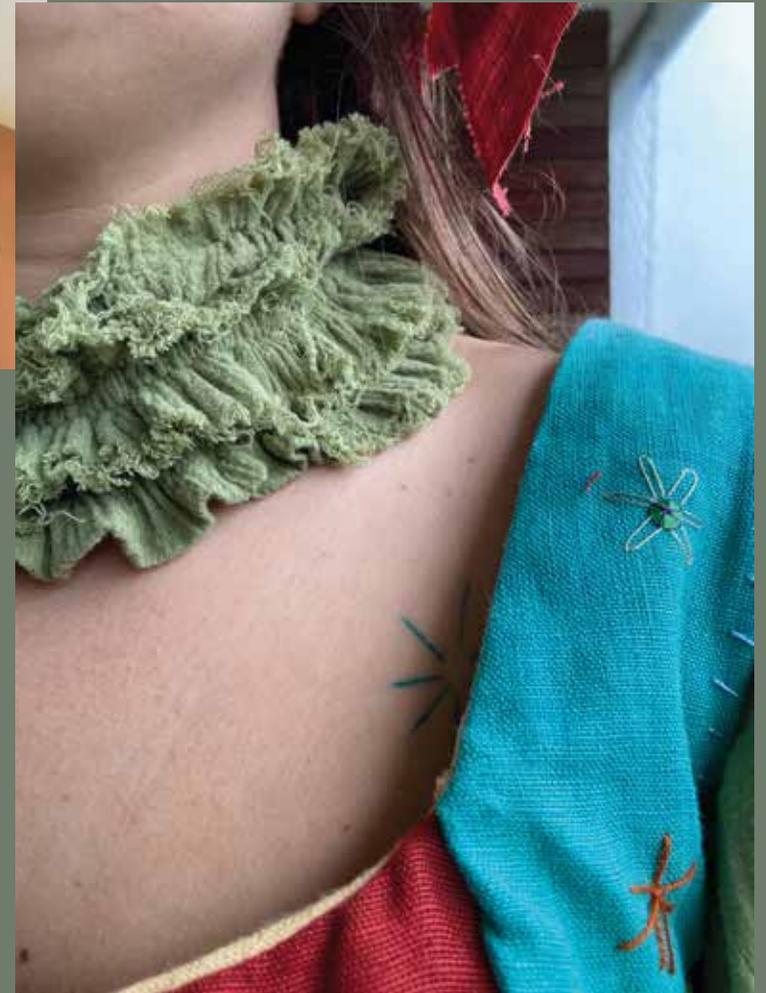
Corselet
Bordado



Blusa



& Gola



Máscara



Saia





Bibliografia

MEU AMIGO TOTORO. Direção: Hayao Miyazaki. Produção: Toru Hara. Japão: Studio Ghibli, 1988.

VIAGEM DE CHIHIRO. Direção: Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 2001.

GONSALVEZ, Rob. *Water Dancers.* Canada.

GONSALVEZ, Rob. *Over The Moon.* Canada.

MACLOAD, Kristie. *The Red Dress Project.* Reino Unido, 2009-2021.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis.* Rio de Janeiro: Casa dos Livros Editora LTDa, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit.* Rio de Janeiro: Casa dos Livros Editora LTDa, 2019.

ZIMMER BRADLEY, Marion. *Brumas de Avalon.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 2018.

Final